

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 910
GUIMARÃES, 10 de Julho de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 41313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Câmara. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Notas Oficiosas

Confessamos que preferíamos tratar hoje, como de costume, de qualquer assunto dos que interessam a Guimarães e que são os únicos que temos em vista com a nossa colaboração neste jornal, a termos de nos vir defender da acusação que nos fez o culto e patriótico autor das sempre interessantes considerações da secção «Contrastes» deste semanário, de havermos pretendido afirmar *horresco referens*, que ele teria sido o transmissor de uma nota officiosa dimanada da presidência da câmara.

Desejaríamos, por exemplo, referir-nos ao caso de não haver nas escolas centrais desta cidade uma gota de água para o milhar de alunos que as frequentam; e, se o fizéssemos, o ilustre X dos «Contrastes» talvez nos perdoasse a demora na resposta que lhe é devida e até ficasse satisfeito com a informação mais circunstanciada que, assim, por nosso intermédio receberia de tão grave facto, que com certeza, até hoje ignorou. E dizemos, afoitamente, que até agora o ignorou por estarmos certos de que, se mais cedo dele tivesse conhecimento, os «Contrastes» não deixariam de ter reflectido a sua justificada indignação. Porque é, realmente, para indignar os menos sensíveis, a circunstância do desaparecimento da água que era pertença do edificio onde as escolas estão instaladas e que chegava para tudo: para os alunos, para lavagens, para balneários e sentinas, para a cantina e até para rega.

Onde está essa água? Como é que se consente que funcionem aulas com um milhar de alunos e respectivos professores e demais pessoal num recinto infecto por falta de água que lhes lave as inevitáveis dejeções e como é que, tendo a água desaparecido há mais de meia dúzia de anos, ainda até hoje as autoridades competentes não tenham providenciado, nem a imprensa reclamado? Mistério que é preciso decifrar e em que vamos ter a nosso lado, com o seu saber, com o seu bairrismo, com a sua dedicação pela infância, ainda há poucos dias demonstrada no aplauso merecido que manifestou pela instalação do lactário-creche, reclamado pelas nossas forças vivas em Lisboa, o respeitável e considerado criador e animador dos «Contrastes» deste semanário.

X pode não ser e, pelo menos, está convicto de que não é, transmissor de notas officiosas do Sr. Presidente da Câmara, mas verifica-se que é pessoa das suas boas relações, que trocam ambos impressões sobre assuntos de administração pública, que se respeitam, se consideram e estimam. X vai, portanto, encarecidamente aqui lho pedimos, interceder junto dessa prestigiosa autoridade, exortando-a a que investigue onde pára a água dos Jesuítas, que era parte integrante do edificio onde funcionam as escolas e a que tome as necessárias, as urgentíssimas providências que imperiosamente lhe competem.

E, para a verificação rápida do paradeiro da água, pessoa amiga, — a descoberta não é por isso, nossa —, alvitra o seguinte meio, simples e infan-

lível: corta-se na caixa de distribuição geral da antiga água dos Jesuítas, que supomos continuar em frente ao Hospital da Misericórdia, toda a água distribuída pelos diversos consortes, só deixando aberta a que segue para as escolas; mede-se a água que entra na caixa e a que chega às escolas, e logo se sabe se há fuga na canalização; entretanto aurgem as reclamações dos consortes que ficarão sem água e só se atendem aquelas que sejam justificadas por título de data anterior à do arrolamento dos bens que estiveram na posse dos Jesuítas, e depois de verificado que o orifício de saída corresponde exactamente à quantidade constante do título. Se assim se fizer, como é preciso que se faça, dentro de poucas horas a água que pertence às escolas lá voltará a cair, na sua totalidade. Qualquer título que apareça com data posterior à da cedência pelo Estado do edificio para as escolas, não pode ser válido, porque nenhuma entidade tinha o direito de alienar água, que é do Estado, com prejuizo das necessidades escolares, que plenamente e antes de tudo, devem ser satisfeitas.

Perdoem-nos os leitores esta escusada minuciosidade com que ousamos ensinar o padre-nosso ao vigário, perdoem-nos X e vamos à resposta que já está a tardar.

O que vem a ser uma nota officiosa? Nota, na acepção que ao caso convém, é, simplesmente, uma exposição sucinta. Não terá sido uma exposição sucinta aquela que, na local «Um esclarecimento» X nos fez do destino reservado ao Plano de Urbanização e da atenção que o Sr. Presidente da Câmara ia dedicar a problemas locais que a sua acção transformaria em realidades? Ninguém o pode negar. Portanto a local intitulada «Um esclarecimento» é uma nota. E não será officiosa?

Officioso quer dizer obscuro, obscuro, gracioso, particular, não oficial. Também nos parece que ninguém se atreverá a sustentar que a exposição das intenções do Presidente e da sorte do Plano não seja feita com a vontade de se ser agradável ou prestável ao público que a leia; não é oficial porque a Presidência da Câmara só, em regra, comunica, oficialmente, com os seus municípios por meio de editais.

Ora, de edital não se trata; não tem disso a forma nem a subscrição do chefe da secretaria municipal; supomos que X não exerce essas funções.

Estamos, pois, em face de uma nota officiosa bem caracterizada. E donde dimana? E' X que o diz na própria local: «foi isto o que ouvimos ao ilustre Presidente da Câmara Municipal, com quem tivemos ensejo de trocar algumas impressões sobre problemas locais». A nota, que é nota e officiosa, dimana, pois, do Presidente da Câmara. E não foi coisa diferente o que dissemos pelas seguintes, bem singelas e bem inofensivas palavras: «Um esclarecimento que tem todas as aparências de dimanar officiosamente da presidência da câmara».

MAR PIRATA O PROGRESSO DE VIZELA

Onde é o teu principio e o teu fim, ó mar?
 Donde é que vens e vais em grita tenebrosa?
 — Que ventre enorme o teu que pôde germinar
 A vertebrada fauna, às vezes, monstruosa!... —

Que poderosa mão, que braço singular
 Te faz subir, rugir com raiva furiosa?
 Te faz chorar, gemer em noites de luar,
 A triste litania, a mágoa harmoniosa?

Eu sei lá!... Eu sei lá! Mistério impenetrável!...
 Não poder eu sondar, correr tuas entranhas
 E atingir teu fundo...

Que espólio o teu, lá em baixo, imenso, formidável!...
 Tu deves ter, ó mar, montanhas e montanhas
 De oiro roubado ao mundo...

Julho de 1949. DELFIM DE GUIMARÃES.

Entrou, de há tempos a esta parte, em fase de amplo progresso, a nossa encantadora Vila de Vizela, de longe conhecida por Rainha das Termas de Portugal, título esse de que justamente se ufana.

Esse progresso, a que se devotaram alguns dos seus filhos mais dedicados e a que a nossa Câmara Municipal tem dispensado entusiástico apoio, nota-se claramente de dia para dia, vê-se, admira-se e não pode deixar de louvar-se, pelo que representa de vitalidade e de anseio de engrandecimento.

Vizela, que este ano viu converterem-se em consoladora realidade algumas das suas legítimas aspirações, assistiu a abrirem-se as portas do seu modelar Hotel, do velho e afamado Hotel Sul Americano, hoje um Hotel novo, amplo, confortável e asseado.

O acto teve foros de grande acontecimento citadino, como não podia deixar de ser, tal a sua importância e o seu incontestável valor para a prosperidade da encantadora Vila.

Ali se juntaram com as Autoridades e com os elementos que mais se evidenciaram na realização de tão grande empreendimento, os representantes da Imprensa que foram verificar a obra realizada para merecidamente a aplaudirem louvando todos quantos souberam num gesto bairrista empregar os seus melhores esforços, afirmando-nos a sua decidida vontade de vencer. Honra lhes seja a todos e parabéns a Vizela linda!

Festas da Cidade MUSEUS

No amplo Largo da República do Brasil, onde vão realizar-se, em principio de Agosto, as tradicionais Feiras Francas de S. Gualter, por ocasião das famosas FESTAS DA CIDADE, encontram-se em construção dezenas de barracas e bazares, que não-de ali funcionarão decorrer da grande feira popular que abrirá no dia 23 e se prolongará até depois das Festas, que têm o seu fecho em 9 de Agosto.

Entretanto, activam-se os trabalhos das Festas, estando toda a Comissão Executiva e juntamente com ela os briosos Empregados do Comércio deveras empenhados em que os diversos números do programa sejam levados a efeito com aquele esplendor que tem levado já até além das fronteiras a justa fama que as GUALTERIANAS gozam.

Deve, dentro em breves dias, ser afixado, por todo o país, o sugestivo cartaz anunciador das Festas e, do mesmo modo, feita a distribuição do programa geral que inclui números verdadeiramente sensacionais.

Não erraremos se afirmarmos desde já e sem receio de desmentido, que as nossas Festas se vão afirmar, de novo, como sendo as maiores e melhores de Portugal.

Todas as atenções dos vários elementos da Comissão se voltam agora para alguns dos principais números do programa: — a *Marcha Gualteriana*, o *Cortejo do Linho*, a *Proclamação de S. Gualter*, o *Concurso Pecuario*, as *Toiradas*, os *Festivos*, etc.

E todos esses números e os demais não-de deixar nos forasteiros a mais perdurável impressão.

E' difícil dar uma definição exacta de *Museu* ou antes, dizer o que, por tal, se entende ou deve entender, em face, pelo menos, daquela finalidade que modernamente se lhe atribui.

De resto, sem essa finalidade — finalidade pedagógica e cultural — os museus (alguns, pelo menos) não passarão de exhibições, mais ou menos arrumadas, de objectos de preço, armazéns de rétem de velharias valiosas, e não contribuirão para a educação do povo, não colaborarão com os estudiosos, não ajudarão os Mestres na sua missão, não se volverão em agentes criadores de senso estético, não inspirarão artistas, não elucidarão ninguém.

Pouco tempo é volvido ainda sobre uma conferência-concerto a que assistiu no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, por ocasião das «Festas do Maio Florido».

Que belo ambiente, na verdade, para manifestações artísticas daquela natureza!

As salas animaram-se, esqueceram, foram chamadas a colaborar, pela presença das obras de arte que as adornam, no prazer espiritual que a todos se comunicou, na vibração de alma que em todos se produziu.

Semelhantemente, por que não se realizam certas conferências nas Bibliotecas Públicas?

Por que não promove a gente culta, de igual modo, e com mais frequência, excursões culturais aos mais vetustos monumentos portugueses, como aos mais importantes centros da actividade nacional?

Não teriam interesse, também, lições sobre matéria artística e histórica nos claustros silenciosos, evocativos, de velhos conventos, nas cidades ou fora das cidades, nos grandes centros ou na provincia?

Levei por vezes os meus alunos ao claustro do Mosteiro da Serra do Pilar; ali lhes fiz algumas lições sobre Gil Vicente; ali eles interpretaram excertos vários dos autos do grande dramaturgo.

Igualmente me recordo da lição que marquei a uma aluna, sobre a vida e a obra de Bernardes, para ser lida no claustro do Mosteiro de Cete, e não me esqueci ainda do trecho que a todos li, no mesmo local, extrahido da obra que reputo admirável, do grande Ramalho — «O culto da arte em Portugal» — e que vem aqui a propósito: «Durante a Renascença, e ainda através da Idade Média, tão insufficientemente conhecida no enigma da sua cultura artística, os reis, os monges, os fidalgos, os burgueses enriquecidos ostentavam o fausto e a pompa hierárquica não somente construindo palácios e castelos, que enobreciam os lugares que eles habitavam, mas erigindo basilicas e catedrais, em que se concentravam todos os esforços do talento de uma raça, e eram verdadeiramente os palácios do povo, doados magnanimamente pelos mais poderosos aos mais humildes, em nome de Deus, em nome do rei, em honra de pátria.

«Nesses edificios incomparáveis se achavam coligadas como escolas monumentais, como em museus portentosos, todas as maravilhas da ciência, da poesia e da arte. A escultura arquitectural, a estatua dos mausoléus, a imaginária dos altares, a iluminação dos missais, a pintura das vidraças, a talha dos retábulos subordinavam-se a um pensamento comum, expresso num vasto simbolismo, compreendendo as fecundidades da terra e do

A cerimonia da abertura oficial foi simples, mas nem por isso deixou de ter brilho e também o maior significado. Presidiu o Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão), presidente da Câmara M. de Guimarães, e assistiram, entre outras entidades, os Srs. Manuel Alves Machado da Fonseca e Castro, presidente da Junta de Turismo de Vizela; Manuel Faria, vereador municipal; Fernando Bravo, director da Companhia dos Banhos; Joaquim Lopes Alves Guimarães e

mar, o trabalho do homem nos seus desfechos e nos seus triunfos, a perturbação dos sentidos pelo pecado, a fatalidade do sangue, o horror do universal aniquilamento, e o voo da alma para Deus, levada por um mortal instinto de amor, de paz, de verdade e de justiça.

«Dentro dessas igrejas, ameaçadas boje de próxima ruína ou inteiramente arruinadas, se celebravam todos os actos da vida religiosa, da vida civil e da vida doméstica. Ali se casavam os noivos, se baptizavam os filhos, se sepultavam os pais. Ali se ungiam os reis, velavam as armas dos cavaleiros, professavam os monges, benziam-se os frutos da Terra, as bandeiras das hostes, as ferramentas da lavoura e os pendões dos officios. Ali se discutiam os interesses do povo, os direitos, as franquias, os foros da comuna. Ali se pregava o Evangelho, se rezava a Missa, e se representavam os autos populares da vida de Jesus e dos seus santos; e nas vigílias da Natividade, da Epifania e da Páscoa, quando o órgão emudecia no coro e se calavam os cantos litúrgicos, o povo bailava ao longo da nave, sob as abóbadas góticas, ou sob as cúpulas bizantinas, e as loas e os vilancicos, entoados pelos fiéis, subiam para o céu com a fragância das flores e com o fumo dos turibulos, do repique das castanholas e ao rufar dos adufes...».

Mas os tempos mudaram, e mudaram-se os costumes: já não se erguem palácios, nem basilicas, nem catedrais; já dentro destas não velam as armas cavaleiros e heróis com os de antanho; já ali se não representam os autos populares; já não baila o povo dentro das suas extensas naves, e já ali não entoa, como dantes, as loas e os vilancicos; as castanholas já não repicam, nem rufam, alegres, os adufes...

São outras as pessoas, outros os seus caracteres. Difere da antiga a concepção actual da vida. Não sentem como os de outrora os homens dos nossos dias. A sua ideologia é outra, os sentimentos evoluíram, as suas necessidades não são as mesmas.

O homem antigo comandava o tempo; o homem de hoje é função exclusiva dele.

Por conseguinte, quando formos curiosos e desejarmos conhecer as tradições do nosso país, quando pretendemos criar a consciência do nosso amor pátrio pelo estudo retrospectivo da história nacional, onde iremos buscar os principais elementos informativos? Onde havemos de encontrar aquilo que nos permita investigar a nossa própria origem? Quem melhor poderá fornecer-nos os conhecimentos de que necessitamos? Quem nos elucidará quanto à riqueza arqueológica e artística da Terra em que nascemos? Onde encontraremos os documentos incontroversos, os depoimentos insuspeitos das nossas actividades físicas e mentais em outras eras? Que entidades, enfim, melhor nos esclarecerão sobre os recursos do passado, sobre a produtividade dos nossos maiores e nos amplos dominios do espirito?

Tais entidades serão os *Museus*,

Artur Teixeira da Costa e Silva, directores da Empresa Hoteleira; José Leite da Costa Faria, director da Companhia e da Empresa; Pereira Leite, em representação do S. N. I.; o escritor portuense Arnaldo Leite, etc.

Depois de o presidente do Município ter cortado a fita simbólica, que vedava a entrada principal, efectuou-se uma pormenorizada visita a todas as instalações do hotel, visita que deixou, como se esperava, as melhores impressões. O gerente, Sr. Adelino Machado Leite, ciceronou os visitantes, que admiraram o conforto e o bom gosto patente em todas as salas. O hotel tem agora setenta e seis quartos e sete «apartamentos» — e todos eles magníficos, não lhes faltando água corrente, em abundância, quente e fria, em todos os aposentos. O mobiliário é modelar, moderno e elegante.

Depois da visita, as referidas entidades estiveram ainda no vasto balneário, que continua sendo dos melhores do país, efectuando-se, depois, o almoço, na lindíssima sala de jantar do Sul-Americano.

O Sr. Fonseca de Castro, em nome da Junta de Turismo, da Empresa Hoteleira e da Companhia dos Banhos, proferiu, no final, um improviso felicíssimo. Recordou o passado recente, que foi de estagnação, e referiu-se, com palavras do maior entusiasmo, ao movimento que está a dar a Vizela as condições de vida que se haviam perdido. Realçou a importância do empreendimento que se festejava — afirmando que se trata de «uma obra que ficará como exemplo vivo do que vale o entendimento entre os homens quando estes estão animados de salu-

Dúvida

Cada vez que o tempo dá uma volta de ausência, nem que seja de um mês...

Fico a pensar. Fico a cismar com receio e apreensão: — Ainda gostará de mim? — Ainda será meu, seu coração?

Porque, meu bem, por te querer assim, tanto e sem fim, E' que eu nunca sei se me queres a mim.

Aurora Jardim.

as Bibliotecas, os Arquivos de Portugal — espelhos da vida, guardas fiéis de velhos tesouros, fontes inexgotáveis de encantos, mananciais de beleza eterna!

Ali se patenteia o labor persistente de obreiros audaciosos e hábeis; ali se ostentam os primores dum arte que nos prestigiou e enriqueceu; neles se documenta todo um passado de sacrificio, de luta e de esforço; neles se glorifica, enfim, o trabalho e o génio.

Junho, 1949. Bortino Daciano.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . .	2.135\$00
Para o menino doente que necessita de estroptomina, recebemos:	
Um anónimo	10\$00
Um anónimo	20\$00
Carlos Gonçalves da Silva	20\$00
A transportar	2.185\$00

Malaia, a Camisa perfeita!...
 Camisas desde 50\$00 a 190\$00, Inglesas.
 Exclusivo de
 «A IMPERIAL»

No MEU CANTINHO

No domingo, dia 3. Ao meio da tarde mais ardente. O meu termómetro acusava 33, rasinhos. E quer o Gualberto saber que fresquíssima limonada se me ofereceu?! Foi no *Diário do Minho* o «Acontecimento Bibliográfico» de Feliciano Ramos a honrar condignamente José Bruno e a erguer mais alto ainda o vulto sempre e sempre apreciável de Antero de Quental. Que beleza de fundo o deste dia!

Quando a garganta ameaçava nova seca, surge-me a deliciosa salada de frutos folclóricos e pedagógicos de Augusto César Pires de Lima e Alexandre Lima Carneiro.

Era o *Romanceiro para o povo e para as escolas* num mimo de edição de Domingos Barreira.

A apresentação e a ilustração são duas maravilhas.

Mas... eu sou muito miudinho. Tive pena que do Acordo de 1945 não entrassem na salada tão saborosa umas pequeninas novidades ortográficas.

A esse respeito agradeço-me bem mais o *Oiro e Cinza*, de Mário Beirão, que há três anos e três meses editou a «Portugália Editora».

Quando a gente é velho, velho, qualquer coisa o embarça. Ao percorrer as 24 páginas do «Relatório do Dia da Boa Imprensa de 1948» várias vezes me lembrou que faltava ali o pulso do Gualberto como Pagineador.

Só com esforço e cansaço vim a averiguar que o Brochador repetira as páginas 12 a 16. Penitência do meu sono: reasinou *A Cruzada*.

Era Deus a escrever por vias tortas!...

Gerosino.

Romaria Grande de S. Torcato

Teve bastante concorrência a tradicional Romaria Grande de S. Torcato. Os actos religiosos celebrados no Santuário revestiram-se de bastante brilho. A procissão que ao fim da tarde percorreu o itinerário do costume atraiu as atenções dos milhares de forasteiros. Nela tomaram parte, além do mais, dois carros alegóricos com coros de virgens.

O festival nocturno terminou na madrugada de 2.ª-feira, tendo decorrido com muita animação.

O rendimento das esmolas oferecidas pelos devotos a S. Torcato, nos dias da Romaria Grande, foi o seguinte: Em dinheiro, 55.274\$50. Em ouro, 24,8 grs. Libras em ouro, 2,5. Independentemente de grande quantidade de cera.

tar bairrismo» — e frisou o esforço que foi preciso depender para que se vencessem todos os obstáculos e se alcançasse a vitória que está à vista de todos. Saudou a Câmara de Guimarães, o S. N. I. e a Imprensa; prestou homenagem à dedicação do Sr. Joaquim Lopes Alves Guimarães, o maior animador da Empresa Hoteleira; exaltou a actividade do vereador Sr. Manuel Faria; e lembrou os antigos presidentes do Município de Guimarães Srs. Drs. Fernando Manuel Castro Gonçalves e Augusto Ferreira da Cunha.

Falaram ainda o Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão) e o representante do S. N. I., que se congratularam com os melhoramentos introduzidos em Vizela.

A noite, nos vastos salões do hotel, efectuou-se uma ceia à americana, que foi a primeira festa elegante de um grande programa já elaborado. Houve muita animação, tendo comparecido dezenas das melhores famílias de todo o Norte. A festa terminou alta madrugada.

AguaS passadas...

ASSISTÊNCIA ESCOLAR

Quem nunca se interessou por assuntos escolares, mal pode abranger as vantagens que derivam para o ensino da existência de uma Caixa Escolar. Esta, tem por fim fornecer aos alunos todo o material de que precisam, nomeadamente aos alunos pobres.

Sem Caixa Escolar, é frequente a deficiência de livros, escritas, papel, ardósias, lápis, etc. O professor recomenda aos alunos que se façam acompanhar desse material — a ferramenta indispensável para o trabalho do ensino — e nem todos acatam e recomendação do professor. De onde resulta a irregularidade na prática do ensino. O atrasamento que algumas vezes se nota nos alunos, pode ser atribuído à falta de livros, escritas, papel, ardósias, lápis, etc.

Em 1912 fundei uma destas Caixas Escolares, com a ajuda do corpo docente das, então, denominadas Escolas Centrais. No seu estatuto ficou consignado o princípio da eleição entre os alunos, para indicarem um delegado junto do corpo administrativo da mesma Caixa.

Pode parecer esta coadjuvação dos alunos na administração de uma Caixa Escolar, mera... bisantinice. Pois é engano! As crianças chamadas por este modo à colaboração de uma obra de assistência que directamente lhes interessa, tomam contacto com factos reais que são, por si mesmos, lições de coisas úteis e indispensáveis à sua educação e formação de carácter.

Não me foi tarefa fácil converter os meus colaboradores adultos a este sistema prático — de buscar manter permanente contacto com os alunos pela administração da sua Caixa Escolar.

Um dos delegados eleitos, em 1912, pelos alunos da escola masculina, foi o Domingos Dantas. O «Dominguinhos» (como lhe chamavam os companheiros) teve a maioria de votos para o cargo de delegado dos alunos junto da Direcção da Caixa Escolar.

Outro aluno que também, para o mesmo efeito, alcançara ganhar o sufrágio dos seus companheiros, foi o Braga.

Tanto o «Dominguinhos», como o Braga, sofriam deformação física. Coincidência ou não, caso é que se distinguiram para a simpatia dos seus companheiros escolares.

A Caixa Escolar tinha um título — «A Solidária». Com efeito ela se desenhava em exemplos de solidariedade. Valeu a muitos alunos pobres. Regularizou, com proveito, o exercício do ensino.

Aqueles professores que desempenhavam o encargo de depositários do material e aqueles que eram zelosos na cobrança das cotas dos seus alunos, foram os grandes cabouqueiros desta obra de assistência escolar.

Tentei levar esta ideia até junto das escolas rurais. Ingénuo! Como se para tanto me dessem asas.

Demais, os professores, na sua maioria, estavam no hábito de englobarem os descontos adquiridos na compra do material para os seus respectivos

Bolsas, sempre os últimos modelos desde Esc. 150\$00.

«ASO» Bolsas de categoria e alto gosto.

Exclusivo de

«A IMPERIAL» Rua de Santo António, 32 GUIMARÃES

alunos. Não quero apreciar nem classificar este uso. Digo, apenas, que o professor foi sempre um funcionário mal remunerado, dada a responsabilidade do seu mester.

Deram-me sempre a honra de poder presidir a esta bela instituição de assistência escolar. Muitos anos me desempenhei desse papel. A Caixa Escolar chegou à possibilidade de distribuir roupas e calçado. Para tanto, impunha-se o cuidado em alcançar receitas eventuais, pois não chegariam para tudo as cotas dos seus associados — os alunos.

Dizem-me que esta Caixa Escolar ainda existe. Graças!

Quinta das Aves Delícias A. L. de Carvalho.

Se passar na rua de Santo António, repare V. Ex.ª nos artigos que a Casa EVA lhe apresenta.

MONUMENTOS E OBRAS DE ARTE

DE GUIMARÃES

Como de costume, de há dezassete anos a esta parte, o Museu Regional de Alberto Sampaio rogou, por seu officio-relatório de 20 de Junho passado, conjuntamente à Presidência do Conselho, Ministério da Educação Nacional e Ministério das Obras Públicas, a conclusão do Parque do Castelo de Guimarães, uma rectificação ao restauro da Igreja de S. Miguel do Castelo, respeitante à sua falta de consolos no corpo superior da nave, à conclusão dos Paços dos Duques de Bragança e Guimarães, para instalação definitiva do Museu Regional de Alberto Sampaio, ao restauro da Igreja de S. Domingos e da Igreja de Serzedelo, e, não menos, à indispensável obra de restauro da formosa Igreja de Santa Marinha da Costa, que constitui um dos mais formosos guardajóias da Arquitectura, escultura e artes decorativas de Guimarães nos séculos XVI, XVII e XVIII.

A obra sobre tal assunto, organizada e sistematizada sob a canseira patriótica de Alfredo Guimarães, já produziu os seus frutos, tais como o restauro do Castelo de Guimarães, onde o mesmo escritor trabalhou dois anos gratuitamente; ao pedido do nosso Museu Regional para que S. Miguel do Castelo fosse restaurada para o Centenário da Fundação; à visita de Salazar e Alfredo Guimarães ao antigo quartel de Infantaria 20, em 26 de Setembro de 1933, de que resultou a resolução da reintegração do famoso Monumento, o maior no seu género existente em Portugal; ao restauro da Igreja gótica de S. Domingos, de cuja obra de demolição, no que respeita a enxertias, o Museu toma toda a responsabilidade, e ainda os cruzeiros que salvou: da Batalha do Salado, da Batalha de Aljubarrota e de Nossa Senhora da Guia.

Oxalá Guimarães, terra tão esquecida da matéria artística e cultural, e cujos subsídios para a acção económica do Estado somam, anualmente, dezenas de milhares de escudos, veja... pelo menos... realizados os seus gloriosos problemas de Arte.

UMA DOENTE que necessita de AUXÍLIO

Para a doente — uma menina nossa patricia que se encontra no Sanatório Marítimo do Outão e que necessita de ser socorrida — recebemos, além de vários donativos que hoje mencionamos na nossa Secção «Beneficência», 9 ampolas de estreptomecina, que foram oferecidas por uma generosa anónima e por intermédio do Sr. Dr. Manuel Jesus de Sousa, estimado proprietário do Laboratório «Hórus», desta cidade.

Muito agradecemos a todos quantos ouviram o nosso apelo, ficando a aguardar que outros acorram em auxílio da pobre menina.

A CAMISA EVA é já conhecida pelo bom corte, preço e qualidade.

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Tiveram início, no dia 4 do mês corrente, as obras do edificio da sede social desta prestigiosa Colectividade vimarense, há 5 anos suspensas. O Estado participou com 40 por cento nas despesas desta nova empreitada parcial, cujo custo se eleva a 227 contos.

O esforço realizado pela actual Direcção, no sentido de pôr novamente em andamento os trabalhos interrompidos desde longa data, é digno de todo o elogio, e merece os aplausos dos vimaranenses que sinceramente amam a sua terra e o progresso das instituições que a enobrecem.

E' oportuno recordar que esta antiga, quanto justa aspiração da benemérita Colectividade, para obter, como merece, uma instalação condigna, remonta ao ano de 1901, em que tiveram início os primeiros trabalhos. Há 48 anos, portanto, foram começadas estas obras, que parece quererem tirar o título às célebres obras de Santa Engrácia! Em 1907, foi inaugurado o Salão Nobre, e por aí ficaram os trabalhos, durante 27 anos, até 1934. Nesse ano, a Direcção presidida pelo Sr. Coronel Mário Cardoso obteve do saudosos Mestre Arquitecto Marques da Silva, o projecto geral das obras, pois, até então, nem sequer tinha ainda sido estudada a conclusão do edificio. Uma vez obtida essa planta, e depois de renovado pela mesma Direcção o Contrato com Câmara Municipal, foi possível, com o subsídio anual aumentado para 10.000 escudos pelo Município, dar um novo impulso aos trabalhos, erguendo-se, desde essa data, a fachada do lado norte, voltada ao Mercado. E' a conclusão da mesma ala do edificio que de novo prossegue, devido à persistência da actual Direcção, a qual, sem perder tempo em fantasias destituídas de sentido pratico, não se poupa a trabalhos nem a sacrifícios pela boa administração da Colectividade e pelo engrandecimento, no campo cultural, do prestigio desta gloriosa Instituição.

Se todos os bons vimaranenses, de entusiástico bairrismo, de espirito esclarecido e de grandeza de animo se compenetrassem da utilidade e valor desta Instituição, e quisessem prestar também o seu auxilio pessoal e material a uma Colectividade que tanto honra a nossa terra, e constitui para todos nós um justo titulo de orgulho (posto que, por vezes, mais admirada por estranhos do que pelos próprios vimaranenses) — a instalação perfeita e completa da Sociedade Martins Sarmento poderia vir a ser uma bela realidade dentro de pouco tempo. Assim... ir-se-ão arrastando as obras, sabe Deus por quantos anos ainda!

Louvores sao devidos, repetimos, à diligente Direcção que, perante dificuldades de toda a ordem, não desanima da sua porfiada luta de bem servir a Colectividade, no meio da indiferença de muitos e, por vezes, até da má vontade de alguns.

Torneio de Chinchalhão

No próximo domingo, 17, realiza-se na montanha da Penha o costumeado torneio anual de chinchalhão, a que costumam concorrer os mais categorizados ases regionais deste popular desporto, sendo disputados valiosos prémios. Haverá também o tradicional almoço de confraternização, animado por variedades a executar por alguns dos convivas — como sejam guitarradas, fados, recitativos, etc.

Notas Oficiosas

Conclusão

camos, simplesmente, por nos referirmos às aparências quando podíamos afirmar, secamente, as realidades.

«Um esclarecimento» foi e é uma nota officiosa; negando-o, querera X fazer-nos crer que o merefíssimo Presidente da Câmara não teve a intenção de «prestigar a sua autoridade, procurando esclarecer a opinião pública sobre a forma como entende trabalhar a bem da terra» e por isso não merece os aplausos que lhe demos?

Que lho agradeça o Sr. Presidente; mas, felizmente para ele e para todos, ninguém acreditará em tal.

X é sem dúvida uma pessoa leal; não sabemos, nem queremos saber, quem é X. X é, como M, como qualquer outra letra, uma corrente de opinião que se manifesta; X não é máscara de cobarde; X é, e repetimos, como M, a opinião que, apresentada individualmente, com a assinatura de quem escreve, perderia muito do seu valor eficiente, porque seria interpretada pelo público como simples maneira de sentir de um único individuo e, imediatamente, deturpada, alterada, traduzida através das características e circunstâncias especiais, merecimentos e defeitos, competência ou inaptidão, amizades ou inimizades desse mesmo individuo; é por isso, e também para não arrastarmos connosco a responsabilidade do jornal onde escrevemos, que assinamos X ou M em lugar de Xavier ou Manuel, nomes que, porventura, nos tivessem dado ao nascer. E sempre com a mesma letra porque, se a variássemos, pretenderíamos falsear a verdade, fazendo impingir ao público uma só, nesse caso, facciosa opinião como se fossem várias e convergentes.

Mas X é leal; e sabemos-lo por meio muito simples; porque X mesmo nos elucida que merece da parte do Sr. Presidente as gentilezas que são próprias da sua exemplar educação e Sua Ex.ª deve saber por quem tem essas especiais deferências. Ora, sendo leal como é, não deixou de se lhe apresentar, quando com ele trocou impressões sobre problemas locais, como cronista do *Noticias de Guimarães*, nem o Sr. Presidente desconhece a indiscrição de todos nós que temos o hábito e o gosto de escrever para o público e sempre que se trate de coisas de interesse geral.

Portanto, o Sr. Presidente da Câmara, ao falar a X sobre as suas intenções de administração pública, sabia que estava a comunicar, por seu intermédio, com o público, o que, aliás, só o honra. E assim aconteceu, quer o queira X, quer o não queira, quer disso seja só agora consciente quer o não tivesse sido.

Mas nós ainda vamos muito mais longe nas nossas atrevidas observações; é que, mesmo à primeira leitura de «O seu a seu dono», não podemos deixar de considerar também essa local como mais uma, e bem nítida «nota officiosa»; com a agravante, se nisto que é tudo tão correcto, tão amigável, tão diferente e bem intencionado, se pode admitir circunstâncias agravantes ou atenuantes, de que esta incontestável nota officiosa não diz nada simplesmente da presidência da câmara; dela resalta, ostensivamente a colaboração do próprio articulista, o ilustre X, o que nos leva a supor que X, de qualquer forma, directa ou indirectamente, participa em funções públicas de carácter administrativo municipal.

Não estamos a inventar nem a esgrimir artificialmente: X, de certo ponto em diante,

a partir do período que começa em «como é de crer», toma o braço do Sr. Presidente e começa a dar-nos esclarecimentos, em nome da Câmara e do C. M. que, lógica e gramaticalmente, não podem deixar de ser atribuídos à inspiração de quem, activamente colabore, com inteiro acordo e, porventura, influentes iniciativas, na administração municipal; X não se limita a dizer-nos como é que a Câmara e o Conselho Municipal vão proceder no caso do Plano de Urbanização; assume, e muito dignamente, responsabilidades próprias e diz-nos o que pensa, integrando-se naqueles órgãos administrativos, com eles se solidarizando, acerca da opinião pública e dá-nos *ex-cathedra*, as suas razões, que, a crerem, como não podemos deixar de crer, no que nos diz, são as da Câmara e do Conselho Municipal.

Mas porque tal e tão simples verificação lhe vai, a calcular pela reacção anterior, desagradar, não insistimos e limitamo-nos, mesmo porque já nos estamos tornando demasiado maçadores, a protestar, com uma forçada concisão que não significa falta de enérgica convicção, contra os seus pontos de vista.

Repete-nos X que não será tomada qualquer decisão sobre o Plano de Urbanização sem consulta de técnicos da especialidade; oferece-nos logo aqui uma dúvida e as dúvidas nunca são tranquilizadoras; quem serão esses técnicos? Então a Câmara não teve o cuidado de escolher para a elaboração do Plano, técnicos competentes? Vai agora submeter o Plano a outros *oficiais do mesmo officio*? Para que serve, então, a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização? A Câmara, a nosso ver, não compete agora decidir sobre a técnica do Plano; o que lhe incumbem é apreciar, procurando inspirar-se na opinião pública, a estética geral, as necessidades e conveniências dos habitantes da cidade e as possibilidades presentes e futuras da realização do Plano.

Diz-nos mais que, se a opinião pública é importante para a solução de certos empreendimentos, ela só pode ser inconveniente para a aprovação do Plano, visto que todas as pessoas atingidas pelo mesmo lhe criariam perniciosos embaraços. E' desolador que X, com a autoridade especial que parece ter, nos venha afirmar a impotência, fraqueza ou inaptidão da Câmara para se desenvencilhar de corriqueiros interesses particulares, para os discernir do conjunto da manifestação das opiniões sinceras e a eles se submeter, servilmente, deixando *encravar*, (é de X o termo), um Plano de Urbanização. Fazemos, sem favor, justiça à Câmara Municipal de Guimarães, seja ela constituída pelos actuais ou por quaisquer outros elementos, considerando-a acima, mas muito acima, das pressões de qualquer particular que se julgue lesado pela futura execução de alguns dos pormenores de um Plano de Urbanização. Seria ofensivo julgar o contrario.

Afirma ainda o nosso prestimoso confrade X que a conclusão dos Paços do Concelho já hoje deveria figurar no número das realidades, como mais uma vez se confirma com o referido Plano de Urbanização, que respeita e adopta a sua localização, (X não emprega estes termos; exprime o seu pensamento, por certo que mais significativamente, com a referência ao facto do Plano «não condenar» a localização do edificio), se não fora ter-se

CARTA DE VIZELA

Dr. Alfredo Pinto
Benemérito grande de Vizela

Quisemos deixar fazer a inauguração oficial do Hotel Sul Americano, ouvir, registrar, para, finalmente, apontar aos Vizelenses o grande, indistintamente grande homem, que gerou com o seu amor a Vizela a possibilidade e organização da comissão hoteleira de Vizela e, assim, esta magnífica obra.

Surgiu como por conto de fadas esta iniciativa?

Safu por vontade de um grupo a Empresa Hoteleira?

Nada disso.

Nasceu de uma vontade grande, como grande é o seu indiscutível amor a Vizela, a tudo que seja o seu progresso, o seu nome, o seu engrandecimento, como sempre o demonstrou, dedicando-lhe todo o seu amor também, dando-lhe toda a sua privilegiada inteligência de verdadeiro mestre entre os mestres da profissão que abraçou e que tem servido como um verdadeiro sacerdote.

Sei o quanto é amargo ao seu modo, ao seu viver, à sua modestia, chamar pelo seu nome à ribalta da publicidade, que nunca quis e que hoje tanto o entristece, mas, a nossa devoção pela verdade, a nossa firmeza pela justiça, a nossa admiração pelo homem que tanto honra e dignifica a classe a que deu o seu melhor contributo, que tam relevantes benefícios canalizou para a nossa terra com o seu porte de filho querido, do pai adorador e esposo idolatrado e de como sumidade médica que todos lhe conhecemos, somos obrigado pela justiça do nosso coração a publicamente o apontarmos como o primeiro a batalhar pela fama da sua grande paixão: — a sempre noiva e linda Vizela!

O homem que desde a sua formatura tudo tem sacrificado aos seus grandes ideais de amor, à família e à sua Vizela, nada quer e tudo tem ofertado.

Hoje, caminhar de um amor que em seu coração não terá fim, como o imortal Schubert na sua sinfonia incompleta, gritou seu protesto contra a sua grande dor, mas que amortalhado nela continuou a escrever, a dar ao mundo a luz dos seus, o homem Vizelense debaixo da sua pesada cruz de amor aos seus, à linda Vizela, apunhalado da saudade infusa, vive e dá exemplos de bairrismo que os novos não sabem dar ou não querem dar, mesmo já sobrecarregado de trabalhos de longa caminhada de bem-fazer.

Esse homem que vemos passar, a qualquer hora do dia ou da noite, sem sombra de vaidade, que apagamamente quer viver, veio demonstrar ultimamente e mais uma vez a toda a população, que o venera, que o seu coração, hoje como na primeira hora da sua chegada, outra coisa não fez, não quer, que não seja o engrandecimento e prosperidades desta linda Vizela.

O homem que focamos, aquele que por muito amor vive e, estamos certos, não mais nos deixará, é, todos o sabem, aquele que animado da melhor vontade reuniu e conseguiu formar o bloco Hoteleiro e com ele a grande união dos Vizelenses, que tanto estão a fazer de bom em prol da nossa terra.

Sei que esta Carta vai causar grande mágoa ao Homem, mas não podem os Vizelenses esquecerem que esse Homem, que é o Ex.º Sr. Dr. Alfredo Pinto, é para a nossa terra o seu grande e brilhante braço, as armas reais das terras de Vizela.

Que nos desculpe o Médico, que nos perdoe o Amigo e sinta esta Carta como reconhecimento do muito que Vizela lhe deve.

Na História das terras existem os nomes dos seus grandet, de heróis e santos, e na História de Vizela, na galeria maior, ornamentada de todos os nossos corações, fica muito e muito bem, o grande Amigo de Vizela, o sábio Médico, o nosso querido Dr. Alfredo Pinto, a quem, respeitosamente, beijamos as mãos que tanto e tanto têm espalhado o bem e engrandecido Vizela. — C.

MATAR SAUDADES

XXXII

Um pescador que tinha desconjuntado casebre à beira-mar viu um dia este mesmo casebre devorado pelas chamas. E quem ateava o fogo? Nada menos que um marinheiro a quem em dias idos o pescador livrara de morrer afogado. O pescador queixou-se ao rei; este mandou vir o delinquente à sua presença e ordenou que com ferro em brasa lhe gravassem na testa a palavra: *Ingrato*.

Ora é este o meu crime, e dele me venho penitenciar perante Vossas Excelências e perante... V. Ex.ª Rev.ª.

Santa Casa da Misericórdia

Sessão de Mesa de 7 de Julho de 1949

Sob a presidência do Provedor Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão, o Sr. Provedor comunicou o seguinte:

Que no dia 5 de Julho corrente, o Sr. Presidente da Câmara veio agradecer os cumprimentos que esta Mesa lhe tinha apresentado, e ao mesmo tempo oferecer os seus préstimos particulares e oficiais em benefício desta Instituição;

Que no dia 1 do corrente visitou esta Misericórdia, como Delegado da Comissão das Construções Mutualistas, o Sr. Eng. Fráguas, que tomou conhecimento dos melhoramentos que a Mesa deseja realizar, ficando assente que, para já, se procederia à renovação de toda a instalação eléctrica e ao saneamento das enfermarias que o não têm, ficando ainda para estudo a adaptação do pavilhão da cerca a isolamento de doentes infecto-contagiosos;

Que do advogado desta Misericórdia no Rio de Janeiro, Sr. Dr. Lúcio Marques de Sousa, foi recebida uma carta a fornecer esclarecimentos sobre a liquidação da herança do benfeitor Pedro Duarte Guimarães, e a pedir o envio de um documento para ser junto ao respectivo processo;

Que por intermédio da Câmara Municipal deste concelho foi enviado a esta Misericórdia um officio do Instituto de Oftalmologia «Dr. Gama Pinto», no qual são feitas várias considerações sobre a admissão de cegos no referido Instituto, com grandes vantagens para os mesmos;

Que da Junta Autónoma das Estradas, do Distrito de Braga, foi recebida a comunicação de que a Mesa estava autorizada a proceder às reparações necessárias no Bairro João de Melo.

A Mesa resolveu mandar proceder oportunamente a reparações da frente do edificio hospitalar e à casa de S. Dâmaso, contigua à igreja;

Mandar imprimir diplomas para serem entregues aos Irmãos da Misericórdia.

O Mesário, Sr. João A. da Silva Guimarães, comunicou que o Sr. Manuel de Magalhães deixou de ser inquilino da casa n.º 25 do Bairro João de Melo, a qual foi ocupada pelo inquilino da casa n.º 15 — Cosme Fernandes — sendo esta ocupada por um beneficiário cego.

Nos termos do art.º 7.º do Com-promisso desta Misericórdia, foi nomeado Irmão honorário o Pintor de Arte, Sr. Jorge Maltieira.

Foi exarado na acta um voto de pesar pelo falecimento do Irmão Sr. Raimundo de Sousa Guise.

Foi admitida no Recolhimento das Trinas, Rosa Leite, da Rua de D. João I.

Foi verificado o cumprimento de todos os legados e, pelo Sr. Tesoureiro, apresentado o Balancete do Cofre, que foi aprovado.

A Mesa registou, com muito reconhecimento, os seguintes donativos: Dos filhos de D. Rosa Teixeira, 500\$00;

Do Sr. João Pedro de Sousa Guise, 500\$00;

Do Sr. Arnaldo de Sousa Guise, 500\$00.

Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para esta Santa Casa da Misericórdia.

Frangos de raças

Rod island red, Leghorn branca, orpingeton preta. Vendem-se casais assim como ovos de encubação todo o ano. CASA D'ARCA — Telefone, 4195.

AUTOMÓVEL

«AUSTIN», em bom estado. Vende-se. Falar na Rua Gil Vicente, 16 — Guimarães. 103

MATAR SAUDADES

O Padre Domingos da Silva Gonçalves, grande de corpo e maior de alma, foi desde a primeira hora um amigo leal e sincero com quem eu podia contar. Não houve entre nós, para nos prender, mais que aquela infável e misteriosa simpatia que enlaça e alia, num elo mais sólido que o aço e que as muralhas de Guimarães, duas almas irmãs.

Diga-se em boa verdade que o meu irmão no sacerdócio não era correspondido com a gentileza e a franqueza com que ele me olhava e tratava. Dir-se-ia que o indigno e miserável cura da Oliveira era para o apostólico sacerdote uma espécie de idolo, muito estimado e amado. Toda a gente me chamava o Padre Cura; mas ele, com aquele jeito e aquela graça toda sua, que lhe irrom-

- TOIROS -

NA PÓVOA DE VARZIM

HOJE

às 18 horas

EMPRESÁRIO: José Rodrigues Trindade

CAVALEIROS EM PRAÇA:

João Branco Núncio e D. Vasco Jardim.

ESPADAS:

O Espada n.º 1 Mexicano, ANTONIO VELASQUEZ e o popular e brilhante artista português, DIAMANTINO VIZEU.

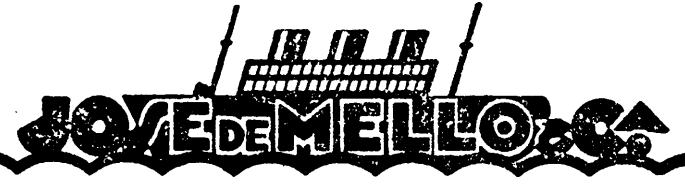
Com o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa, capitaneados pelo Ex.º Sr. NUNO SALVAÇÃO BARRETO.

TOIROS PUROS de casta espanhola da Ganaderia de: João d'Assunção Coimbra, de Pombalinho.

Sol desde 25\$00; Sol-Sombra desde 37\$50; Sombra desde 70\$00.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazéns de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 312 e R. de Roberto Ivens n.º 803

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

de dentro serena e sem artificios, ia mais além, e a cada passo me chamava o Santo Cura. Nunca a lábios humanos assomara tão escandalosa hiperbole: é que as almas grandes aferem a todos pelo seu nível normal, sem tratar de deitar a sonda ao fundo das outras almas, onde por vezes chafurdam as toupeiras, as salamandras, até os tubarões...

O futuro Bispo Coadjutor da Guarda tinha por mim uma veneração e uma estima que nada justificava; nada, a não ser a razão esboçada no período anterior. E que graça ele achava a certos factos passados comigo, a certas frases minhas, em que eu nem sequer atentava! E' certo que eu tive sempre um génio expansivo, e só muito desgosto sofrido é que me estancou cá dentro essa

inclinação para o humorismo barato. E hoje posso repetir com toda a verdade as palavras do rei dos Livros Santos: *In quot fluctus tristiae deveni, qui jucundus eram!* Mas o Padre Domingos não perdia ensejo de pôr em foco a minha apagada figura. O que ele não riu com umas palavras que eu disse a uma senhora que não era da freguesia da Oliveira, e que eu fora confessar! Que palavras eram? Já não sei nem lembro, mas o meu amigo e colega fez de-las larga propaganda, só para pôr em foco uma coisa que eu nunca tive: a graça, o que a nossa gente chama piada.

E foi a um homem destes, a um amigo destes, que eu neguei até hoje a miséria de duas palavras de amigo reconhecido! Aqui está o meu crime, aqui está a minha sincera confissão,

Clube de Caçadores de Guimarães

AVISO CONVOCATÓRIO

De conformidade com o art.º 24.º dos Estatutos, convidam-se os sócios deste Clube a reunir em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 15, pelas 20 h2 horas, na sede à rua de Santo António n.º 68, afim de discutir e deliberar sobre o seguinte:

- a) Dar a Direcção cumprimento ao estabelecido pela Assembleia Geral Extraordinária de 27 de Maio último;
- b) Alteração do art.º 11.º em conformidade com o art.º 46.º dos Estatutos.

Não comparecendo número legal de sócios, a mesma Assembleia Geral funcionará uma hora depois com qualquer número de associados (art.º 28.º dos Estatutos).

Guimarães, 6 de Julho de 1949.

O Presidente da As. Geral,

Alberto Costa.

Notícias de Guimarães n.º 910-10-7-1949



COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

AVISO

(1.ª publicação)

Tendo-se extraviado na cidade de Guimarães duas acções do valor nominal de 5\$00 cada uma, com os números 649 e 656, emitidas pela sociedade cooperativa de responsabilidade limitada denominada «A Económica Vimaranesa», com sede no Largo 28 de Maio, desta cidade, a favor de D. Lucinda Olímpia da Costa Rocha, moradora que foi nesta mesma cidade, sócia que foi daquela mesma sociedade cooperativa e que em testamento as deixou a seu sobrinho, Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, Advogado, da Rua da Rainha, desta mesma cidade, pelo presente aviso e nos termos da alínea a) do art.º 1.071 do Código do Processo Civil, se convida qualquer pessoa que esteja de posse das referidas acções a vir apresentá-las ao Juizo de Direito desta Comarca, onde corre o respectivo processo para a reforma dos mencionados títulos.

Guimarães, 1 de Julho de 1949.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva.

O Chefe da 2.ª Secção,

Reinaldo Neto de Sousa.



COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ARREMATÇÃO

(2.ª publicação)

No dia 16 do próximo mês de Julho, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e por virtude do ordenado nos autos de execução fiscal administrativa em que é exequente a Fazenda Nacional e executado Júlio da Silva Fernandes, residente em Gavim, freguesia de Vermil, desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, para ser entregue a quem maior lance oferecer sobre o valor por que entra em praça, do seguinte prédio penhorado ao executado:

PRÉDIO A ARREMATAR

Bouça da Ermida, terreno inculto e uma ramada junto da Estrada, com terra de horta por baixo dela, sita no lugar da Ermida, freguesia de Ronfe, desta comarca, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 50.525 e inscrita na matriz rústica sob o art.º 1.185, que vai à praça por três mil trezentos e quarenta e seis escudos e vinte centavos.

São por este citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos do executado para deduzirem, querendo, os seus direitos, no prazo de dez dias após a arrematação.

Guimarães, 27 de Junho de 1949.

O Chefe da 2.ª Secção,

Reinaldo Neto de Sousa.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lobo e Silva.

Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha

CONVITE

Realizando-se no Domingo próximo, dia 17 do corrente, a Festividade a Nossa Senhora do Carmo da Penha, tenho a honra de convidar todos os Irmãos a assistirem à missa cantada que se celebra na Gruta-Ermida, pelas 10,30 horas e a incorporarem-se na Procissão que da mesma Gruta sai às 17 horas para o Santuário Eucarístico, onde haverá uma Solene Hora de Adoração com alocação e bênção do Santíssimo.

O Juiz da Irmandade,

João Rocha dos Santos.

ALVARÁ VENDE-SE de 5 máquinas de malhas.

Falar na nossa Redacção.

que Ele também é nosso, muito nosso, e que nos queremos bem a Ele.

Foi-se de Guimarães o grande Apóstolo de Maria; mas levou no peito o mesmo amor que por Ela sempre teve. Poderá haver prova mais frisante do que essa piedosa romagem da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que Ele acompanhou por toda a diocese da Guarda, cantando sempre, sendo sempre, pregando sempre as glórias de Maria? E só num dia pregou S. Ex.ª Rev.ª nada menos de 17 vezes!

Honra ao grande modelo, e aqui de longe lhe enviamos a expressão do nosso afecto e do nosso reconhecimento, pedindo nos absolva desta tardia e insignificante homenagem do Padre Cura da Oliveira, de 1919!